

VISÃO DO CORREIO

Crise do plástico: sobrevivência e interesses

Há décadas, os países enfrentam um problema que todos reconhecem, mas nenhum deles até hoje encarou com a coragem necessária: o plástico. Esse material — multiuso e prático — ocupou tanto espaço que ficar sem ele significa mudar o estilo de vida das pessoas e, o que parece ser o mais difícil, mexer em lucros corporativos globais. Não por acaso, a indústria mundial de polímeros vem transferindo a responsabilidade do descarte para o consumidor final, enquanto acelera a produção para níveis insustentáveis. O resultado é um cenário no qual a reciclagem, embora extremamente necessária, opera como um paliativo em um sistema condenado a falhar. Nesse contexto, o agravamento do desequilíbrio ambiental precisa inspirar a busca por uma nova ordem — e um primeiro passo firme nessa direção tem de ser dado.

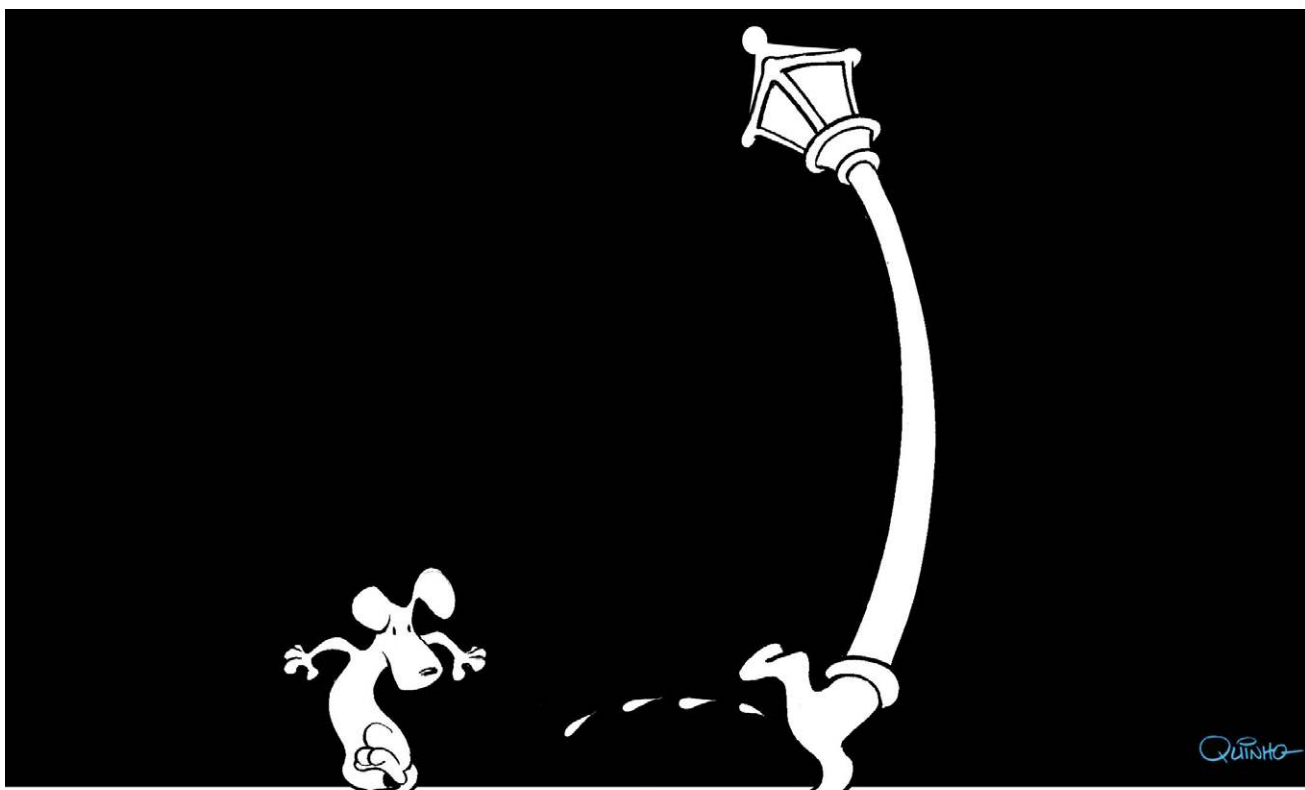
Apesar de engavetado desde 2022, o Tratado Global de Plásticos pode ser o caminho. Mediado pela ONU, o objetivo do fórum é estabelecer diretrizes para combater a poluição que abrange todo o ciclo desse material. Com a meta de conclusão inicialmente prevista para 2024, a discussão se entende sem avançar na prática, ao mesmo tempo que a degradação do planeta se impõe de forma quase incontornável. Além da poluição em diversos níveis, a disseminação de microplásticos e seus impactos identificados sobre a saúde humana evidenciam que a questão é sistêmica. Diante disso, a próxima rodada de negociações — prevista para acontecer em julho deste ano em Nairóbi, no Quênia — tem a responsabilidade de apontar rumos para as preocupantes demandas.

O problema central reside na estrutura linear do mercado: a lógica de extrair, produzir e descartar atingiu seu limite físico. Segundo estudos, em 1950, a produção plástica mundial era de aproximadamente 2 milhões de toneladas, atingindo mais de

500 milhões de toneladas em 2025. Com isso, as análises não podem continuar sendo sobre como “limpar”, mas sobre como parar de sujar o planeta. A transição para uma verdadeira economia circular exige rupturas complexas, porém tem de ser amplamente debatida. Rever o modelo que privilegia a rota rápida dos plásticos até os aterros sanitários é a cada dia mais urgente. Valorizar a durabilidade não pode continuar sendo considerado um erro. Isso representa banir plásticos de uso único que levam séculos para se decompor em troca de um curto tempo de aproveitamento, numa reestruturação que também coloque fim à obsolescência programada.

Fato é que a poluição plástica se impõe não apenas como uma questão ambiental, mas como um desafio de saúde pública e de organização econômica. Mais do que um marco regulatório, a discussão atual exige uma revisão do próprio modelo de produção e consumo. Reduzir a dependência desse material implica investir em alternativas, redesenhar cadeias produtivas e avaliar o peso da cultura do descartável. Nessa batalha contra interesses empresariais gigantes, a sobrevivência precisa falar mais alto que o financeiro. A fase de conscientização já passou, e a etapa de execução de metas não pode esperar. O custo de não agir a respeito já vem sendo cobrado globalmente.

No meio desse tabuleiro, o Brasil precisa se posicionar, movendo suas peças de biodiversidade, ciência, criatividade e diplomacia. Sanar a crise do plástico, resultado direto da estratégia do excesso, exige ações internacionais. Sem medidas efetivas imediatas, a ciência mostra que a garantia da saúde humana, animal e ambiental está comprometida — e o futuro será pior. O mundo que aprendeu a produzir e a consumir de forma descartável precisa estudar maneiras de existir respeitando os limites do planeta, aplicando as lições o mais rápido possível.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

José Sarney, combinação rara

Cumprimento o jornal pela edição especial sobre os 66 anos da inauguração de Brasília, pelo artigo de Silvestre Gorgulho e pela crônica do ex-presidente da República José Sarney. Sob o título de “A casa da infância”, José Sarney confirma suas qualidades de exímio cronista, ele que já é conhecido como poeta, romancista, ensaísta e memorialista, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Destaco três de seus melhores livros: *A duquesa vale uma missa*, *Saraminda* e *O dono do mar* (ficção). Mas quero destacar o cronista primoroso que nos deu *Galope à beira-mar*, uma seleção de excelentes crônicas, com casos da política e outras histórias, e páginas de memórias, uma edição da Leya, Rio, 2018. Naquelas 320 páginas, encontramos, como destaca a editora, “grandes personagens em pequenas histórias, ou pequenas personagens em grandes casos”. José Sarney, além de escritor, estadista — combinação bem rara na História do Brasil.

» Danilo Gomes
Lago Norte

Brasília precisa de tratamento

Depois de ler, no *Correio Braziliense*, o artigo do Silvestre Gorgulho, pensei logo: Brasília não pode ficar sem um tratamento sério, senão enlouquece ou comete suicídio. O artigo Brasília na rota 66 e a falta de um parabéns pra você (edição de 23 de abril) me fez lembrar de uma crônica que escrevi há uns 10 anos: “Ai de ti, Brasília”, mostrando a desordenada ocupação da Orla do Lago Paranoá. Primeiro, com os clubes para algumas associações de funcionários públicos; depois, bares, restaurantes, shopping, churrascarias, prédios, moradias... Também falei do equívoco que foi projetar a Ponte JK para desembocar na Praça dos Três Poderes, tirando totalmente o ambiente mais ameno pensado por Lucio Costa para a Praça e o Eixo Monumental. Existe uma carta de Lucio ao prefeito da época alertando para essa inconveniência. De lá pra cá, a desorganizada ocupação continua. Só um tratamento vai resolver essa depressão muito bem diagnosticada pelo Silvestre Gorgulho no CB, que, mais do que nunca, como irmão gêmeo, precisa ser o guardião da cidade.

» Carlos Alberto Ribeiro de Xavier
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Especialistas dizem que faltou governança na crise do BRB. Estou esperando mais prisões, bloqueios de bens e ressarcimento!

André Belém — Brasília

Como punir a corrupção na Justiça?, pergunta o ministro Flávio Dino. Aposentadoria compulsória é igual a prêmio máximo por fazer o errado.

Luiz Fernando Le Cocq — Cabo Frio (RJ)

Vão derrubar o veto do PL da Dosimetria em troca de não ter a CPI do Banco Master. Acordo, como disse o Valdemar.

Ester Cardoso — Brasília

Empresa pública não foi feita para dar lucro — mas também para não dar prejuízo. Os Correios estão sentindo o efeito do e-commerce e, com certeza, é um processo sem volta. Não há o que fazer senão privatizar.

Sérgio Rodrigues — Mogi das Cruzes (SP)

Queniano Sabastian Sawe completa maratona em Londres em menos de duas horas: não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez!

Gilson Nunes — Brasília

Edson Fachin, o salvador

O país inteiro está na expectativa de que o atual presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, mantenha sua postura ética e séria na defesa da Corte Suprema do país, abalada com o escândalo do Banco Master que arrastou pelo menos três magistrados para os nebulosos negócios do banqueiro Daniel Vorcaro com representantes dos Três Poderes da República. Sem meias-palavras, ele, ao lado da ministra Cármen Lúcia, já mostrou que o STF vive uma crise institucional e que enfrenta problemas de credibilidade junto à opinião pública nacional, como atestam as pesquisas. Que Deus os ilumine e lhes dê força e energia para enfrentar o ambiente hostil que vivem nos dias de hoje.

» Olga Oliveira
Asa Sul

Judiciário precisa reconhecer erros

O debate sobre as reformas no Judiciário sempre chega envolto em discursos solenes, mas falta coragem para admitir que a credibilidade das instituições depende, antes de tudo, da capacidade de reconhecer os erros. Não adianta falar em independência se não houver responsabilidade. Não adianta defender prerrogativas enquanto a sociedade cobra transparência, ética e coerência.

» Paccelli M. Zahler
Sudoeste

Trump combate o crime?

Combate ao crime, mas nem tanto. O governo de Donald Trump demitiu mais de 4 mil funcionários de

algumas das principais agências de combate ao crime, mesmo tendo prometido, em campanha, intensificar a repressão à criminalidade. Dados do Departamento de Justiça dos Estados Unidos indicam que o efetivo do FBI caiu mais de 7% desde 2024, o que representa cerca de 2.600 agentes a menos. A equipe do famoso DEA, responsável pelo combate ao tráfico de drogas, foi reduzida em aproximadamente 6%. Já a ATF (Agência de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos) perdeu cerca de 14% de seus funcionários, que deixarão de atuar na investigação de fabricação e posse ilegal de armas e explosivos, incêndios criminosos, atentados, além do tráfico ilegal e da sonegação de produtos de álcool e tabaco. Quando defendem denominar terroristas as organizações criminosas, não é, e nunca foi, para combater o crime.

» Marcus Aurelio de Carvalho
Santos (SP)



POR PATRICK SELVATTI
patrickselvatti@gmail.com

O luto que atravessa

Mais do que um espetáculo televisivo, o desfecho do Big Brother Brasil 26 foi humano, visceral e, acima de tudo, pedagógico sobre aquilo que raramente se ensina em uma novela ou filme de ficção do horário nobre: a capacidade de seguir adiante quando a vida insiste em parar.

A vitória de Ana Paula Renault carrega um simbolismo que ultrapassa a lógica de um reality show. Não se trata apenas do encerramento de um ciclo iniciado com sua expulsão no BBB 16, mas da confirmação de que o tempo, aliado à persistência, transforma derrotas públicas em conquistas históricas. Sua jornada dentro da casa vinha sendo marcada por enfrentamentos emocionais intensos, mas o golpe mais duro não veio do jogo: veio da vida. Receber a notícia da morte do pai em meio ao momento mais decisivo da competição não é apenas um teste de força emocional, mas uma prova silenciosa de maturidade, responsabilidade e consciência do próprio caminho.

Há quem veja no entretenimento apenas distração, mas episódios como esse revelam que, quando a realidade invade o espetáculo, o que se vê não é mais jogo. Permanecer, suportar, honrar compromissos mesmo diante do luto não significa frieza, mas compromisso com algo maior que o instante. O luto não interrompe o mundo, mas o atravessa.

Nesse sentido, a postura do apresentador Tadeu Schmidt elevou o momento a um patamar raro na televisão brasileira. Ao compartilhar publicamente a perda do irmão, o lendário atleta Oscar Schmidt, ele

rompeu a barreira tradicional entre profissional e ser humano. Não foi apenas um gesto de empatia, mas um testemunho de que ninguém atravessa a dor isoladamente, nem mesmo sob os holofotes.

Tem uma dimensão ética nesse episódio que merece atenção. Em tempos marcados pela cultura do abandono rápido — desistir de um projeto, de uma meta, de uma convivência —, a experiência vivida por ambos se torna um contraponto poderoso. Nem Ana Paula Renault nem Tadeu Schmidt estavam em um ambiente que permitisse a pausa. Ambos seguiram, não porque a dor fosse menor, mas porque o compromisso era maior.

Essa é uma lição que transcende o reality show. Quando chega, o luto não pede licença nem agenda. Ele atravessa compromissos profissionais, sonhos pessoais e responsabilidades assumidas. O que define a trajetória de alguém não é a ausência de dor, mas a maneira como ela é administrada sem que se abandone aquilo que se construiu com esforço.

Ao observar a trajetória de Ana Paula Renault ao longo de uma década — da rejeição à consagração —, percebe-se que a resiliência não é um ato isolado, mas uma prática acumulativa. Da mesma forma, a postura de Tadeu Schmidt aponta para um novo modelo de comunicação pública: menos blindado, mais humano.

O episódio vivido na final do BBB 26 revela algo que, muitas vezes, perde-se no ruído do entretenimento: a vida real continua acontecendo enquanto o espetáculo segue.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br